

## E. GOELDI

**Q**UANDO repentinamente faleceu, à noite de 4 de julho de 1917, em Berna, o professor EMILIO AUGUSTO GOELDI, não faltou quem lhe lembrasse a vida afanosa em grande parte aplicada ao estudo de problemas brasileiros.

TH. STUDER, em particular, dedicou-lhe comovida análise, de cujas informações abundantemente se valerá esta notícia, graças à cópia enviada pelo diretor do "Museu Paraense Emílio Goeldi".

Filho de Ennetbuhl, onde abriu os olhos a 28 de agosto de 1859, não tardou o jovem suíço em demonstrar pendores insospitáveis para as ciências naturais.

Por volta de 1882, aproxima-se de HAEKEL e HERTWIG, cujas lições lhe avivam sobremaneira a vocação para a zoologia, em que obtém o título de doutor, mas também se interessa pela geologia e geografia, ao ouvir os ensinamentos de RICHTHOFEN.

Ultimados os estudos universitários, achava-se habilitado às ambicionadas comissões ao longe.

Dentre as que lhe estariam ao alcance, preferiu a oferecida pelo Museu Nacional, onde LADISLAU NETO o convidou para sub-diretor da secção de sua especialidade.

As preleções, que realizava de contínuo, garantir-lhe-iam a nomeação de professor da futura Universidade, que esperava, confiante, quando sossobrou a monarquia, a quem devia agradecimento e afeição.

Participou-lhe do revés, causa do afastamento da missão, que aceitara, desprezando propostas do Chile e da Austrália, também recebidas na ocasião.

Exonerado, recolheu-se a Teresópolis, que lhe proporcionou excelentes materiais de estudo, de que se ocupou em mais de um ensaio.

O aproveitamento de suas aptidões especializadas seria, entretanto, decidido pelo mais republicano dos governadores estaduais, a quem não faltava sólida cultura científica, baseada no conhecimento da matemática.

LAURO SODRÉ, feito presidente do Pará, quis organizar eficiente centro de estudos das peculiaridades da Amazônia, e, à hora de escolher o diretor, lembrou-se do naturalista do Museu Nacional, que se achava na serra dos Órgãos, a tratar de suas indagações em assuntos de biologia.

Havia curiosa tradição local de esquecido Museu, que a dedicação incomparável de FERREIRA PENA conseguira formar, graças à boa vontade de particulares reunidos na Sociedade Filomática, de que fôra o mais ardoroso dos fundadores e o primeiro presidente.

Já pouco restaria, porém, de tal instituição, quando GOELDI, por atender ao convite do governo paraense, saltou em Belém, com o plano de criação do centro de estudos, definido pelo Regulamento de 2 de julho de 1894, que se apressou de elaborar.

Por quatro secções, distribuiu-lhe as atividades científicas, a saber:

- 1.<sup>a</sup> — de zoologia e ciências anexas (anatomia e embriologia comparada).
- 2.<sup>a</sup> — de botânica
- 3.<sup>a</sup> — geologia, paleontologia e mineralogia
- 4.<sup>a</sup> — etnografia, arqueologia e antropologia.

E como o orçamento estadual, favorecido pela valorização da borracha, permitisse a realização de expedições científicas, contribuíram os naturalistas do Museu para o exato conhecimento da Amazônia, pelos vários aspectos da sua constituição geológica, da fauna, da vegetação.

Tôdas as pesquisas, porém, exigiam reconhecimentos geográficos, para a localização do fenômeno observado e sua melhor interpretação.

Assim, é de HUBER, colaborador de GOELDI, a quem sucedeu na direção do estabelecimento, o estudo mais minudencioso dos denominados estreitos de Breves, ao passo que a outro dos seus colegas, P. LE COINTE, coube elaborar a melhor monografia a respeito da Amazônia Brasileira.

Ao chefe, além da organização geral, com que animava as pesquisas alheias, também cabia, de quando em quando, empreender excursões, de que tornava-se com abundante material de estudo, como indicam as suas memórias exclusivamente zoológicas, sobre aves da Amazônia, mamíferos, peixes, répteis, mosquitos, ainda hoje consultadas pelos especialistas e os ensaios mais relacionados com a geografia.

Observações e impressões durante a viagem costeira do Rio-de-Janeiro ao Pará, assim como Resultados ornitológicos de uma viagem de naturalistas à costa da Guiana meridional assinalam-lhe algumas das excursões, que lhe permitiram ainda apresentar Aspectos da Natureza do Brasil, e Maravilhas da Natureza na Ilha de Marajó.

Esta última contribuição constou, em sua apresentação inaugural, da conferência proferida na Sociedade de Geografia de Berna, a cuja assistência patenteou as particularidades regionais, a 29 de junho de 1899.

"Encravada no estuário do rio Amazonas, assim começou, jaz, entre a linha equinocial e o segundo grau de latitude sul, a ilha de Marajó, cuja superfície excede em muito a de qualquer outra do denso arquipélago que a envolve em complicado labirinto. A sua superfície é avaliada em cerca de 42 000 quilômetros quadrados, número bem interessante para nós, pois a Suíça, com os seus 41 346 quilômetros quadrados, oferece uma aproximação sensível".

E para melhor definir-lhe as duas porções de aspectos diferentes, imaginou-a "obliquamente dividida em duas partes quase iguais, uma a nordeste, outra a sudoeste", pela diagonal traçada da foz do rio Cajuana à embocadura do rio Afuá".

"A primeira metade é caracterizada pelas imensas planícies dos campos e das savanas, onde existe uma criação de gado bastante considerável, se bem que tecnicamente imperfeita na metade de sudoeste, em que predomina a floresta virgem, tipicamente amazônica, expande-se, sob o signo de Aquário, a colheita da borracha".

E antes que tratasse da bio-zoologia regional, ainda minudenciou:

"Porta natural de entrada e saída da Hiléia amazônica, em cujo prolongamento se acha, com a sua parte sudoeste coberta de matas virgens, Marajó está numa posição privilegiada, tendo ao centro vasta planície de campos, toda cortada de uma rede de rios e regatos, possuindo não poucos lagos e lá fora participando da costa marítima com cômodo acesso tanto para o litoral da Guiana como para a extensa costa do sul do Brasil.

Naquela ilha se encontram os elementos da fauna das três zonas, cada uma delas trazendo o seu contingente peculiar de formas aladas".

De outra feita, celebrava-se o quarto centenário do descobrimento do Brasil, para cujo livro comemorativo escreveu Aspectos da Natureza do Brasil.

Logo de entrada, acentuou: "Com a sua enorme extensão territorial, tanto no sentido da latitude como no da longitude geográfica, com a diversidade orográfica (orla baixa da restinga litorânea, serras costeiras, planaltos e chapadas do sertão, etc.), com as diferenças climáticas, que necessariamente se devem fazer sentir quer em relação à elevação vertical e à maior ou menor proximidade da costa (clima oceânico e clima continental); e finalmente até com a diversidade da origem e idade geológica, que com crescente probabilidade devemos presumir para diferentes partes no Brasil atual, compreende-se logo também, por outro lado, que esta "sub-região brasileira" constitui, nas produções da natureza, um verdadeiro Proteu, incomparavelmente mais complexo de que as porções restantes do reino neotrópico, quer saíteadamente, cada uma por si, quer no seu conjunto".

Ao descrever-lhe o extensíssimo litoral distinguiu-lhe três segmentos distintos, que oferece o aspecto fisiográfico.

"Desde o Rio-Grande-do-Sul até a Bahia mais ou menos", a terra firme se descortina em animado quadro de montanhas e morros, de diferentes alturas e variadas formas embora a do cone mais ou menos estirado seja o feitiço predileto. — Acha a sua expressão típica sobretudo no trecho entre o Rio-de-Janeiro e Espírito-Santo". Em geral, "viçosa e exuberante vegetação arbórea" envolve-lhes o cimo e as encostas.

Mas, da "Bahia para o norte, muda o aspecto do litoral. Primeiramente alternando ainda, a pequenos trechos, com paredões pouco elevados de barro vermelho, mais a mais chegam a absoluto e incondicional predomínio "as alvas praias arenosas, que em interminável orla cingem a costa dos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio-Grande-do-Norte, não somente até o cabo de São-Roque, como ao longo do Ceará e do Maranhão". "É o feudo secular da areia movediça, assumindo aqui a forma de praias extensas, planas e rasas, acolá a de dunas, com ora mais ora menos elevadas colinas".

Por fim, do "Maranhão ao extremo norte do Brasil ocorre a terceira modalidade fisionômica, a mata litorânea adaptada, à influência das marés"... Para diante, "esta mata do litoral baixo, que tanto contrasta com o caráter fisionômico das duas outras categorias descritas e sitas mais para o sul, permanece típica além da foz do Amazonas, por toda a Guiana, até o Oiapoque".

Analogamente, embora com encenação muito diversa, surpreende-nos a natureza, se a viagem for dirigida em outro sentido, no do litoral para o interior, rumo E—O".

E após esboçar, em largos painéis, "contornos gerais e côr do de fundo daquilo que há de fixo e imutável na grandiosa tela da natureza brasileira, e alinhavada a moldura vegetal, resta-nos estudar a correlação com as manifestações da vida animal".

Entrando pelos domínios da biogeografia, nota o pan-americanismo das aves aquáticas, e as periódicas migrações, "cuja existência, na verdade, só será percebida pelo naturalista profissional e cuja origem misteriosa jaz no passado remoto de períodos geológicos anteriores".

Assim é que o naturalista, ainda quando cuidava de aplicar o seu saber de zoólogo à fauna brasileira, jamais deixou de trazer contribuições à geografia, tanto nos ensaios mencionados, como igualmente em Clima de Teresópolis, e Clima do Pará, com que retificou mais de uma informação corrente, que os dados meteorológicos não autorizavam.

Ainda mais, para evidenciar quanto participava das aspirações brasileiras, aceitou colaborar na missão especial, que o barão do RIO BRANCO chefieou, ao defender, perante o Conselho Federal Suíço, os direitos do Brasil ao território do Amapá, contestados pela França.

Por essa ocasião, reconhecido à eficiência que o diretor do Museu Paraense desenvolvera a respeito do litígio submetido a arbitramento, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao ter ciência da sentença favorável, de 1 de dezembro de 1900, elegeu-o, na primeira sessão imediata, sócio honorário, consoante relembrou o orador oficial, ao noticiar-lhe o falecimento.

E o governo paraense, por decreto de 31 do mesmo dezembro da vitória arbitral, insculpiu-lhe o nome no próprio título da instituição que dirigia, daí por diante designada por Museu Goeldi, só mais tarde modificado, quando ato oficial de 3 de novembro de 1931 reuniu em uma só as denominações anteriores: "Museu Paraense Emílio Goeldi", que ainda perdura, como prova da gratidão do Estado, ao qual dedicou mais de um decênio de sua existência pesquisadora.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO



*Luís A. Göts*